



PARLAMENTO DO
MERCOSUL

- Representação Brasileira -

CLIPPING - Notícias

09 a 11.03.2013

Edição e Seleção

Eliza Barreto
Fernando Leão
Maria Elisabete da Costa
Mônica Nubiato
Paulo Affonso
Thais Budó

Sumário

O ESTADO DE SÃO PAULO.....	3
Economia.....	3
Brasil perdeu oportunidades, diz especialista	3
Prioridade dos EUA é fechar acordo no Pacífico	3
Política	5
Mídia latina deve buscar ajuda, diz historiador.....	5
Internacional.....	7
Chavismo estabeleceu aliança estratégica Brasil-Venezuela	7
Moradores das Malvinas dão início a referendo Litígio vem do século 19	8
VALOR ECONÔMICO.....	11
Internacional.....	11
Dilma tenta evitar atraso na adesão da Venezuela	11
Brasil.....	13
Pressão da Argentina por Vale e automóveis	13
Disputa pela direção da OMC aumenta e brasileiro se consolida entre os favoritos.....	15
Internacional.....	17
Após pressão do Brasil, Morales chama Piñera para inaugurar obra	17

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Finanças	18
Moody's vê notas da América Latina estáveis	18
O GLOBO	20
Economia.....	20
Brasil pode se tornar maior exportador mundial de milho em 2013	20
Mundo.....	24
Maduro e Capriles abrem disputa para eleições na Venezuela.....	24
Colômbia promove no Brasil mercado 'atrativo' para fundos de investimentos	25
AGÊNCIA BRASIL	26
Internacional.....	26
Venezuela quer fortalecer relações econômicas com a China	26
PRENSA LATINA.....	27
Paraguai: audiência internacional sobre violação dos direitos humanos	27
PAGINA 12.....	28
El Mundo	29
Maduro lanzó su candidatura presidencial	29
TELAM	31
"Chávez fue pionero de la integración regional y lo vamos a extrañar", aseguró Taiana	31
ABC.....	33
Editorial	33
El Mercosur descartable	33
Política	36
"Desaparición de Chávez provoca el debate sobre suspensión de Paraguay"	36
LARED21	38
Mundo.....	38
"Presidente encargado": Tras funeral de Chávez, Maduro toma el relevo y pide elecciones inmediatamente, en menos de 30 días.....	38
EL PAÍS	43
Con la muerte de Chávez, en el Mercosur "nada va a cambiar"	43
Nacional	44
Gobierno reafirma visión crítica del Mercosur: está "aletargado"	44

Brasil

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Economia

Brasil perdeu oportunidades, diz especialista

A América Latina e o Brasil não estão nos acordos comerciais perseguidos pelos Estados Unidos. "Não se trata de ignorar a América Latina, mas de por nova ênfase na nossa relação com a Ásia", diz o secretário-assistente de Estado, Jose Fernandez. Para Jeffrey Schott, do Peterson Institute for International Economics, o Brasil errou na mão tanto na Rodada Doha da OMC, ao aliar-se à Índia e à China, como na sua agenda bilateral (ou do Mercosul) de liberalização.

O País teve boas chances, mas foi eficiente em perdê-las, como fez ao valer-se dos ganhos obtidos no período de alta das commodities para fomentar reformas necessárias para elevar a competitividade de seus setores. "O Mercosul tornou-se cada vez mais disfuncional e o custo Brasil continua a dilacerar a capacidade de competição. O Brasil poderia ter feito melhor", afirma Schott.

/D.C.M

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,brasil-perdeu--oportunidades-diz-especialista-1007117,0.htm>

Prioridade dos EUA é fechar acordo no Pacífico

Japão e Coreia do Sul devem aderir em breve ao tratado comercial que os americanos querem fechar com mais 10 países

DENISE CHRISPIM MARIN, CORRESPONDENTE / WASHINGTON - O Estado de S.Paulo

O anúncio do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sobre o início da negociação de um acordo de livre comércio com a União Europeia, a ser concluído em dois anos, não desvia o foco da Casa Branca em sua prioridade máxima e mais imediata nesse campo: fechar um tratado comercial com outros 10 países banhados pelo Pacífico. A Parceria Transpacífico (TPP, na sigla em inglês) tende a ser engrossada nos próximos meses pela adesão do Japão e da Coreia do Sul.

Os parceiros dos Estados Unidos esperam ver o acordo fechado até dezembro deste ano. Na semana passada, em Cingapura, deu-se a 16.^a rodada. À beira do desespero por um aumento

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

substancial em suas exportações, os EUA estão seguros que um mecanismo de livre comércio com essa região trará benefícios a seus exportadores - e à sua economia americana, em geral - em curto e médio prazo. Reformas serão exigidas em todos os participantes, inclusive os EUA, para aumentar a competitividade em um ambiente sem barreiras comerciais.

"Ter relação profunda com a Ásia é uma política do presidente Obama. Vamos aumentar nosso engajamento com a região e, por isso, a TPP é uma prioridade máxima para nós", afirmou Jose Fernandez, secretário-assistente de Estado para Assuntos Econômicos e de Negócios. "Há muito entusiasmo com a adesão do Japão. Se isso ocorrer, a TPP abarcará 30% do comércio mundial. Mas, certamente, dificultará as decisões a serem tomadas, inclusive por nós mesmos."

Os 11 países, juntos, respondem por uma produção anual de US\$ 21 trilhões. Os 10 parceiros dos EUA na TPP formam o maior mercado de bens e serviços para os produtores americanos. As exportações de bens dos EUA para a região alcançou US\$ 895 bilhões em 2011, 59% do total embarcado pelo país. Incluídos Japão e a Coreia do Sul, a produção total da TPP subirá para US\$ 28 trilhões, e o acordo envolverá o destino de mais US\$ 110 bilhões em produtos americanos.

Os EUA já se beneficiam de acordos de livre comércio com cinco dos países da TPP - Canadá, Chile, Cingapura, Peru e México. Os mercados da Austrália, Brunei, Malásia, Nova Zelândia e Vietnã são os alvos primordiais. A negociação e o acordo final estarão abertos à inclusão de novos membros, avisa Fernandez, em uma sinalização para a eventual adesão, no futuro, da China.

Jeffrey Schott, especialista em negociações comerciais do Peterson Institute for International Economics, acredita ser a conclusão dessa negociação até o fim do ano um objetivo bastante ambicioso. Vários dos países da TPP já têm Tratados de Comércio e Investimento com os EUA. Porém, o compromisso de livre comércio requer mais concessões, riscos e capacidade política interna para promover as reformas necessárias.

A negociação é geralmente tida como interesse compartilhado pelos países da Ásia-Pacífico e os EUA de conter o avanço da China em sua periferia. Schott discorda dessa avaliação e vê na iniciativa uma via para os países terem um instrumento mais forte para promover as reformas internas, reduzir barreiras a seus produtos e competir com a China em outro patamar.

"Não faz sentido conter o avanço de um país por meio de acordo de livre comércio. As empresas dos países da TPP não querem diminuir seus negócios com a China. Elas querem mudar a lógica da competição com a China e atrair mais comércio e investimentos do mundo todo", afirmou Schott.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Embora os EUA mantenham uma média tarifária de 3,0%, protegem com porcentuais bem mais altos os setores automotivo, açucareiro e de leite e derivados e aplicam com mão de chumbo barreiras não tarifárias e regras de origem restritas. Os temas estão nas conversas. Ao anunciar a intenção de ingressar na negociação, o Japão adiantou que não exigirá abertura do mercado americano de automóveis, para o alívio de Washington.

Mas para o restante da TPP e Coréia do Sul, esse tema pode fazer diferença. Segundo os negociadores, a maior parte do trabalho técnico relativo aos 29 capítulos do acordo já foi concluída. Continuam sobre a mesa temas complexos, como a proteção da propriedade intelectual, regulação do setor de serviços, alimentos geneticamente modificados, compras governamentais, subsídios e regras trabalhistas e ambientalistas.

Relançamento de Doha. A intenção do governo Obama, aparentemente, é ressuscitar o movimento pró-liberalização comercial dos anos 90 e formar a mais ampla teia possível de acordos com os mercados mais dinâmicos do mundo. A dificuldade da Casa Branca é interna. Ao comentar o esforço negociador na TPP, a AFL-CIO, mais poderoso sindicato americano e aliado de primeira hora do partido democrata, recorda a perda de 700 mil postos de trabalho nos EUA por causa da adoção do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), em 1994.

Em paralelo ao TPP, os EUA prometem se lançar à negociação com a União Europeia, ainda mergulhada em crise econômica e fiscal. Extrair um acordo substancial com os europeus, segundo Schott, abrirá precedentes em um eventual relançamento da Rodada Doha, paralisada há cinco anos. O especialista vislumbra essa possibilidade durante a Conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC) deste ano, em Bali, Indonésia.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,prioridade-dos-eua-e-fechar--acordo-no-pacifico-,1007113,0.htm>

Política

Mídia latina deve buscar ajuda, diz historiador

Ao debater governos autoritários na SIP, mexicano diz que América Latina 'está só'

GABRIEL MANZANO , ENVIADO ESPECIAL / PUEBLA - O Estado de S.Paulo

Uma avaliação sobre o autoritarismo na América Latina, feita ontem por dois intelectuais na Reunião de Meio de Ano da Sociedade Interamericana de Imprensa, em Puebla, no México, terminou com uma constatação otimista. "O progresso político da América Latina nos últimos

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

tempos é um dado irreversível. Eu creio em uma América Latina democrática", disse o historiador e editor mexicano Enrique Krause.

Krause e o ex-presidente equatoriano Luís Hurtado analisaram os governos bolivarianos e suas receitas para "controlar o povo sem sair das normas democráticas". Além desse painel, "Mudanças políticas no continente", a reunião teve mais três: um sobre a violência contra jornalistas no México, outro sobre populismos e o último sobre o "casamento" entre novas tecnologias e liberdade de informação. O encontro, que reúne 21 países, termina amanhã, com a leitura e aprovação do documento final sobre a situação da imprensa no continente, pela Comissão de Liberdade de Expressão e de Informação.

Solidão. No retrato que traçou dos regimes políticos do continente, Krause afirmou que "a América Latina está muito só neste momento" e que nela se trava "uma grande guerra cultural". Essa guerra passa, advertiu, pelo desinteresse de tantos cidadãos quanto um presidente viola uma lei. O historiador propôs, para vencer essa guerra, que a imprensa do continente "procure a ajuda de seus colegas da França, Alemanha, Inglaterra, Espanha", para não acabar dominada.

Krause afirmou que "a liberdade de expressão é a mãe de todas as liberdades", mas que os líderes populistas "têm um recurso fundamental, este aqui" - e apontou para o microfone. "O monopólio do microfone é o monopólio da verdade. Com ele é que se engana a multidão".

Hurtado comparou: "O século passado nos ensinou que as armas é que submetiam os povos e os poderes. Pois o novo milênio nos trouxe uma novidade, a de que os civis podem fazer isso por sua conta, e com eleições legítimas". Ele rechaçou a ideia de se definir a democracia só pelo ato eleitoral, lembrando que muitos caudilhos também foram eleitos. Mas cobrou: "Os (Rafael) Correa, (Hugo) Chávez e (Evo) Morales encontraram um sistema político apodrecido, para cujo descrédito contribuiu muito a própria imprensa".

México. A violência contra a imprensa no México, onde a guerra das quadrilhas de drogas contra a polícia e contra jornalistas já matou 83 deles desde 2000, foi tema de outro painel. "Neste país, a melhor proteção é não falar", disse Perla Gomez, catedrática de Direito da Universidade do México. Na análise dos debatedores foi denunciada a "quase inutilidade" das leis que protegem a profissão. Destacou-se que o México é um forte mercado de drogas e que a luta pelos pontos, de norte a sul do país, não é uma questão só de imprensa. O senador Roberto Gil falou do duplo poder - um governo que se democratiza e o país real das cidades distantes, onde muitos juízes fazem o que querem.

No quarto painel, o professor Rafael Gutierrez, da Universidade do México, deu uma polêmica palestra, em que disse achar equivocado definir populismo como autoritarismo, visto que ele "não é uma negação, mas uma instrumentalização" do regime democrático pelos líderes populistas.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,midia-latina-deve-buscar-ajuda-diz-historiador-,1007118,0.htm>

Internacional

Chavismo estabeleceu aliança estratégica Brasil-Venezuela

Desde que o bolivariano chegou ao poder, as exportações brasileiras foram de US\$ 536 milhões para US\$ 4,69 bilhões

DENISE CHRISPIM MARIN , CORRESPONDENTE / WASHINGTON - O Estado de S.Paulo

Em 30 de setembro de 2005, em Brasília, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu a mais inesperada declaração sobre o governo de Hugo Chávez. A Venezuela, segundo ele, tinha excesso de democracia. Chávez fora demonizado no Brasil e comera o pão que o diabo amassou nos seus quatro primeiros anos no poder, segundo o brasileiro.

Lula dera essa declaração no Palácio do Planalto, logo depois de assinar o acordo de investimento conjunto, da PDVSA e da Petrobrás, na construção da refinaria Abreu de Lima, em Pernambuco. O projeto binacional ainda patina, mas a frase do então presidente brasileiro deu o tom de como as relações entre os dois governos era próxima, apesar das críticas ao equilíbrio entre os poderes no país vizinho.

Depois de eleito presidente, em 1998, Chávez fez ao Brasil sua primeira viagem ao exterior. Repetiu o gesto depois de empossado, em uma visita de Estado. O então presidente Fernando Henrique Cardoso estreitou laços, manteve contato cordial e até mesmo enviou um carregamento de gasolina para a Venezuela, em dezembro de 2002, quando Chávez enfrentava uma greve de petroleiros.

No início do governo de Lula, o presidente brasileiro, mostrava-se pragmático quando o tema era a expansão das exportações do Brasil para a Venezuela. As exportações brasileiras para a Venezuela somavam apenas US\$ 536,7 milhões no primeiro ano de mandato de Chávez. No ano em que Lula tomou posse, 2003, alcançaram US\$ 608,2 milhões. Em seu último ano no governo, haviam saltado para US\$ 3,854 bilhões, segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Em 2011, subiram 19,1% e somaram US\$ 4,592 bilhões. Em 2012, o recorde foi batido outra vez. Em novembro, as exportações já somavam US\$ 4,695 bilhões. Parte desses embarques deveu-se a grande obras públicas tocadas por empreiteiras brasileiras na Venezuela. Nos encontros bilaterais, a cada semestre, executivos dessas empresas acomodavam-se nas antessalas à espera dos resultados e de momentos oportunos de contato. Chávez foi, de longe, o líder estrangeiro com o qual Lula mais se encontrou em seus dois mandatos.

Conforme montou a aliança estratégica entre Brasil e Venezuela, estendida ao setor de energia, Lula tentou assumir a posição de moderador nas relações entre Chávez e os EUA. O brasileiro dava-se bem com o então presidente dos EUA, George W. Bush. Mas, em diversas ocasiões, as críticas de Lula aos EUA levaram o embaixador americano em Brasília a protestar.

Em certa medida, Lula conseguiu conter os impulsos de Chávez, que poderiam desenganar os próprios projetos brasileiros de liderança sul-americana e seus interesses na região. A interferência de Chávez nas decisões de Evo Morales sobre a nacionalização do setor de petróleo e de gás, que culminaram na intervenção militar em uma refinaria da Petrobrás em Cochabamba, repercutiram mal em Brasília, assim como sua intromissão em questões relacionadas com a guerrilha colombiana. Lula conversou seriamente com Chávez sobre esses temas. Mas nunca o governo brasileiro criticou publicamente as ações de Chávez. O Palácio do Planalto, mais permeável ao discurso chavista, dava um tom de afinidade à relação entre os governos. No Itamaraty, a execução da política bilateral era um exercício obrigatório, mas conduzido a contragosto.

A expectativa de uma adequação da relação Venezuela-Brasil no governo Dilma Rousseff, em especial na vertente Democracia e Direitos Humanos, desmontou-se logo no início de seu governo. A presidente manteve os encontros com Chávez. Mas foi além de Lula ao dar seu aval ao ingresso pleno da Venezuela no Mercosul, sem o voto do Paraguai e o cumprimento, por Caracas, de sua agenda de convergência para as regras do bloco de livre comércio e de união aduaneira. A iniciativa, segundo Dilma, teve "significado histórico".

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,chavismo-estabeleceu-alianca-estrategica-brasil-venezuela-,1006734,0.htm>

Moradores das Malvinas dão início a referendo Litígio vem do século 19
Ilhéus decidem se soberania britânica será mantida; Argentina não reconhece votação
BUENOS AIRES - O Estado de S.Paulo

Os habitantes das Ilhas Malvinas iniciaram ontem um referendo para decidir se o arquipélago permanecerá sob o domínio da Grã-Bretanha ou passa para o controle da Argentina, cujo governo reivindica soberania sobre o território. Buenos Aires, porém, recusa a validade jurídica da consulta, pois ela se limita aos "kelpers", como são conhecidos os britânicos que moram nas ilhas.

Apesar do dia frio e chuvoso, moradores das Malvinas formaram longas filas, muitos deles vestidos com estampas tricolores da bandeira britânica, diante das seções eleitorais.

A embaixadora argentina em Londres, Alicia Castro, voltou a afirmar que a consulta não deve ter valor jurídico. "Apenas cidadãos britânicos participam (do referendo). Ele é organizado por e para britânicos, com o objetivo de dizer que devem seguir sendo britânicos."

Um total de 1.672 eleitores - amplamente superados em número nas ilhas pela população de 1 milhão de pinguins e 700 mil ovelhas - respondem até o fim do dia de hoje "sim" ou "não" para a pergunta: "Você deseja que as Ilhas Falklands (como as denominam os britânicos) permaneçam com seu atual status político de Território Ultramarino da Grã-Bretanha?".

A alternativa seria iniciar uma transição para o controle argentino, talvez a partir de um período de soberania compartilhada, como sugeriu o governo do país latino-americano. A votação ocorre mais de três décadas após a Argentina ter tentado resolver à força a questão, invadindo as ilhas e perdendo uma guerra de dez semanas - que custou as vidas de 255 militares britânicos e 649 soldados argentinos, assim como as de 3 civis.

A esmagadora maioria dos moradores das ilhas é de cidadãos britânicos e analistas políticos locais esperam que os votos para que se mantenha o atual status fiquem pouco abaixo dos 100%.

Conflito. Na Argentina e na Grã-Bretanha, a Guerra das Malvinas, de 1982, causou mudanças profundas. Do lado argentino, a ditadura militar, que lançou a invasão ao arquipélago, acabou desacreditada e caiu. Do lado britânico, a vitória no extremo sul do continente americano garantiu, pouco depois, o triunfo eleitoral da primeira-ministra Margaret Thatcher, que enfrentava uma profunda crise política.

Mas nos últimos anos, a antiga animosidade retornou, impulsionada por uma dura campanha da presidente argentina, Cristina Kirchner, que adotou inúmeras medidas com intenção de impor pressão econômica aos ilhéus, entre elas a proibição de que navios de cruzeiro partam de portos argentinos em direção ao arquipélago.

O referendo foi rejeitado pela presidente Cristina, para quem os ilhéus são "implantes coloniais" da Grã-Bretanha. O ministro das Relações Exteriores argentino, Héctor Timerman, chama os moradores do arquipélago de "colonos", mostrando a mesma dureza. "Os ilhéus das Malvinas não existem", afirmou.

No último comunicado sobre o tema antes da votação, no sábado, a chancelaria argentina afirmou que o referendo "não porá fim à disputa de soberania".

A posição agressiva da Argentina, acompanhada certas vezes de insinuações beligerantes de militares e políticos do país latino-americano que não excluem outra possível tentativa de tomar as ilhas à força, tem sido rejeitada pelo primeiro-ministro britânico, David Cameron.

Funcionários do premiê têm afirmado que ele é consciente de que perder o arquipélago em uma nova invasão argentina provavelmente amaldiçoaria seu governo nas urnas. Cameron conduziu uma intensa revisão da presença das forças britânicas presentes nas ilhas, que incluiu o destacamento de um batalhão com 1,2 mil soldados, a construção de uma base aérea, a permanência por todo o ano de quatro caças-bombardeiros Typhoon na região e, segundo afirmam alguns relatórios britânicos, o destacamento de um submarino nuclear para o Atlântico Sul.

Mas a resposta de Cameron é tanto política como militar. Apesar de o referendo ter sido formalmente convocado pelo governo eleito por voto popular, a manobra foi pensada a partir de estritas consultas com o governo de Londres. Funcionários da chancelaria britânica veem a ratificação da opção dos ilhéus em permanecer britânicos como uma maneira de trazer o debate internacional para seu direito de autodeterminação, o que substituiria a batalha colonial atualmente em andamento. / NYT e AFP

Tanto a Argentina quanto a Grã-Bretanha reivindicam a soberania sobre o arquipélago das Ilhas Malvinas ("Falklands", para os britânicos), no extremo da América do Sul.

Buenos Aires afirma que as ilhas estão dentro de seu mar territorial - Porto Stanley fica a pouco mais de 500 quilômetros do território continental argentino e a 13 mil quilômetros da Grã-Bretanha - e, desde o início da história argentina, pertenciam ao país.

Londres argumenta que ocupa continuamente as Malvinas desde 1830 e os habitantes locais, conhecidos como "kelpers", consideram-se súditos da coroa britânica.

Após a independência argentina, em 1816, Buenos Aires assumiu o controle de assentamentos já estabelecidos nas Malvinas. Esse evento seguiu-se a uma intrincada história colonial que remonta

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

ao século 16, em que as ilhas foram reivindicadas, em algum momento, por Grã-Bretanha, França, Portugal e Espanha.

Os argentinos capturaram três embarcações dos EUA por pesca ilegal, em 1831. Os americanos atacaram em represália e declararam as ilhas independentes. E, em 1833, os britânicos conquistaram de vez o arquipélago.

Em abril de 1982, tropas enviadas da ditadura argentina ocuparam as Malvinas. A Grã-Bretanha acionou seu maior destacamento naval desde a 2.^a Guerra e, depois de 74 dias de combate, retomou as ilhas. A derrota militar acabou por derrubar a ditadura argentina, um ano depois.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,moradores-das-malvinas-dao-inicio--a-referendo--litigio-vem--do-seculo-19-,1007056,0.htm>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Internacional

Dilma tenta evitar atraso na adesão da Venezuela

Por Fernando Exman | De Caracas

O governo brasileiro acompanha de perto os desdobramentos políticos resultantes da morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez não apenas para eventualmente apoiar o país vizinho nos esforços para garantir a estabilidade e tranquilidade necessárias à realização de novas eleições democráticas. A atenção das autoridades brasileiras está voltada aos sinais dos agentes políticos venezuelanos em relação à efetiva inclusão da Venezuela no Mercosul, medida considerada pelo governo Dilma Rousseff estratégica para as empresas nacionais que operam no país vizinho.

Depois que o Paraguai foi suspenso do Mercosul devido ao processo de impeachment que tirou o ex-presidente Fernando Lugo do poder, o ingresso da Venezuela no Mercosul foi formalizado em meados do ano passado. Era o Legislativo paraguaio justamente quem impedia a entrada da Venezuela no bloco. Desde então, Brasil, Uruguai e Argentina negociam um cronograma para que a adesão do país vizinho ao bloco se dê de forma efetiva.

Estão em discussão normas e nomenclaturas comuns, a Tarifa Externa Comum (TEC) e contribuições financeiras da Venezuela às instituições do Mercosul. As conversas avançaram mais rápido do que o previsto inicialmente, relatam diplomatas brasileiros. No entanto, o Brasil esperava que já no início deste ano a Venezuela adotasse algumas dessas medidas de forma concreta.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Esse foi um dos assuntos tratados pelas autoridades brasileiras que desembarcaram na quinta-feira em Caracas a fim de participar do velório de Chávez, cuja morte foi anunciada na terça-feira e deu fim à luta do líder venezuelano contra um câncer. A missão foi liderada pela presidente Dilma Rousseff, que foi acompanhada por políticos de esquerda e pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A comitiva brasileira inicialmente pernoitaria na capital venezuelana, mas ficou apenas poucas horas na cidade.

Na avaliação do governo brasileiro, a adesão da Venezuela ao Mercosul garante a segurança institucional necessária às empresas brasileiras que atuam na Venezuela. Diplomatas lembram que a Venezuela é o país que dá ao Brasil o segundo maior superávit comercial do país, depois apenas da China. A conta desconsidera a Holanda, pois o porto de Roterdã é a porta de entrada dos produtos brasileiros para diversos países da Europa.

Em 2012, o Brasil obteve um superávit de US\$ 4,05 bilhões nas relações comerciais com a Venezuela. A cifra é resultado de US\$ 5,06 bilhões em exportações e US\$ 996,8 milhões em importações. Os embarques para a Venezuela cresceram 10,11% em relação ao ano anterior, enquanto que as compras brasileiras de produtos do país vizinho caíram 21,29% no mesmo período. Os produtos que o Brasil mais exportou no ano passado para a Venezuela foram carne, bois vivos, açúcar, frango, máquinas, autopeças e tratores. Já Venezuela vende ao Brasil principalmente nafta para a indústria petroquímica e coque de petróleo.

Outra avaliação feita pelo governo brasileiro é de que o vice Nicolás Maduro, que assumiu a presidência após a morte de Chávez, é o favorito para vencer as eleições que devem ser organizadas nos próximos dias. Ex-chanceler, Maduro é visto no Itamaraty como um interlocutor confiável e foi um dos responsáveis pelas negociações que levaram a Venezuela ao Mercosul.

No entanto, o governo brasileiro não deve se pronunciar oficialmente sobre a eleição presidencial e o processo político que levou Maduro ao exercício da presidência venezuelana. Algumas interpretações da Constituição venezuelana diziam que a presidência interina caberia ao presidente da Assembleia Nacional e não ao vice-presidente, no caso de ausência absoluta do presidente eleito.

Chávez foi reeleito, mas não chegou a tomar posse devido ao tratamento de saúde que realizou em grande parte em Cuba. Mesmo assim, definiu-se que Maduro, seu vice, seria responsável pela continuidade do governo reeleito, exerteria a presidência de forma interina e convocaria novas eleições em 30 dias. Para o governo Dilma, essa é uma discussão que cabe às instituições venezuelanas.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3039312/dilma-tenta-evitar-atraso-na-adesao-da-venezuela>

Brasil

Pressão da Argentina por Vale e automóveis

Por Sergio Leo

A Argentina decidiu rever o acordo automotivo com o Brasil, para eliminar o dispositivo que prevê livre comércio de carros, partes e peças a partir do segundo semestre, e quer obrigar as montadoras instaladas no Brasil a localizar parte de seu processo produtivo no território vizinho. Esse é um dos pontos de atrito entre os dois países que seria tratado na reunião da semana passada entre os presidentes Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, cancelada com a morte do presidente da Venezuela, Hugo Chávez. Outro ponto é a possível paralisação dos investimentos da Vale na Argentina, elevado pelo governo Kirchner a assunto de Estado. A Vale recebeu ameaças de retaliação de autoridades locais.

Nesta segunda-feira, o Conselho de Administração da Vale decidirá se mantém ou não o projeto de exploração de US\$ 6 bilhões, em uma mina de potássio na Argentina - e a tendência manifesta da diretoria é paralisar o projeto. Os argentinos ameaçam retaliar, desapropriando a mina, onde a empresa já investiu cerca de US\$ 1 bilhão, segundo informação aos acionistas. Tanto com a Vale como com a discussão do regime automotivo, há queixas, no Brasil, sobre a falta de uma proposta clara da Argentina.

Nos encontros preparatórios para a reunião das presidentes, nos últimos dias, as autoridades do país vizinho deixaram claro, apenas, que querem garantias de realização, na Argentina, de parte do processo produtivo dos automóveis beneficiados pelo programa de incentivos brasileiro, o Inovar-Auto. Uma proposta mais detalhada seria entregue ao governo brasileiro até o encontro das duas mandatárias suspenso com a morte de Chávez.

Já se dá por certo no governo brasileiro, porém, que, em lugar do livre comércio no setor automotivo, a partir de julho, haverá novo regime comercial administrado, provavelmente até 2019. Desde 1999, os dois países prorrogam o fim do regime automotivo, que limita o equivalente a cerca de 40% de todas as exportações e importações entre os dois maiores sócios do bloco.

O Inovar-Auto garante desconto no Imposto sobre Produtos Industrializados, para automóveis com produção no país, proporcional ao conteúdo em partes e peças compradas regionalmente. Embora

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

o programa explice que suas regras valem para peças produzidas no Mercosul, e não apenas no Brasil, os argentinos querem garantias de que haverá percentuais mínimos de compras no país vizinho.

A queda em torno de 30% nas vendas de automóveis do Brasil à Argentina não tranquilizou os governantes do país vizinho, que se queixam da tendência de crescimento no déficit em partes e peças, responsável pelos saldos favoráveis ao Brasil no comércio de produtos automotivos. A insistência argentina em cobrar o "conteúdo regional" para o Inovar-Auto levou os brasileiros a pedir a proposta mais detalhada ao governo Kirchner - ainda não entregue. Em consultas anteriores, os argentinos chegaram a reivindicar que houvesse um monitoramento individual de cada empresa exportadora.

Apesar das divergências, que não são pequenas, as conversas entre as duas equipes de governo têm sido cordiais e relaxadas. Entre os pontos da agenda positiva que Dilma deve anunciar para os argentinos está a criação de uma cota informal para importação de camarões do país - até hoje proibidos de ingressar no mercado brasileiro sob alegações sanitárias e alvo de forte lobby contrário de produtores brasileiros do crustáceo, apoiados pela Secretaria da Pesca.

Também serão anunciados créditos do BNDES a projetos de infraestrutura - como as obras para tornar subterrânea parte da linha férrea de Sarmiento, que, em um trecho de quase 17 quilômetros a ser realizado por um consórcio com a brasileira Odebrecht, deverá receber em torno de US\$ 850 milhões de financiamento.

Parado por falta de verbas, o projeto de modernizar e tornar subterrânea a linha é um esforço para eliminar uma das maiores dores de cabeça do governo Kirchner: foi nessa linha que, há pouco mais de um ano, ocorreu a "tragédia del Once", quando um trem perdeu os freios, colidindo com a estação e matando 51 pessoas. Mais de 700 ficaram feridas.

A revisão do acordo em termos favoráveis à indústria argentina e uma solução para o caso da Vale são, porém, prioridades para o governo argentino no encontro das presidentes. A Vale teve, desde março do ano passado, cerca de 15 reuniões com autoridades, a quem mostrou os excessivos aumentos de custos das obras para a mina de potássio, na região de Mendoza, provocados pela inflação argentina e a política de controle cambial do país, somada à interferência e cobranças de tributos por parte dos governos provinciais.

Para evitar que o investimento se tornasse inviável, a empresa pediu ao governo argentino que antecipasse a devolução - já prevista em lei - do imposto sobre valor agregado, que, normalmente, só seria compensado após o início da exploração das minas. Não houve resposta oficial. A Vale

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

chegou a encontrar um sócio para compartilhar os custos do projeto, mas a sociedade também só seria possível com o apoio do governo argentino.

A empresa se queixou ao governo brasileiro que autoridades locais não só quebraram cláusulas de confidencialidade, falando à imprensa sobre detalhes das negociações, como deram informações falsas, insinuando que a Vale teria pedido uma isenção tributária que não foi nem sequer sugerida. Há ameaças de desapropriação da mina e cancelamento da concessão da Vale, que pretendia apenas deixar o projeto em suspensão, para não ser obrigada a registrar como perdidos os investimentos já feitos, de quase US\$ 1 bilhão.

No governo brasileiro, há receio de que a recusa da Vale em seguir no projeto desperte reações intempestivas na Casa Rosada. Afinal, é o maior projeto de investimento estrangeiro já anunciado no país. O luto pela morte do aliado venezuelano deu mais tempo para que os dois governos busquem maior aproximação nesses pontos de conflito. Até agora não houve indicações, porém, de soluções para os impasses.

Sergio Leo é repórter especial e escreve às segundas-feiras

E-mail: sergio.leo@valor.com.br

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3039168/pressao-da-argentina-por-vale-e-automoveis>

Disputa pela direção da OMC aumenta e brasileiro se consolida entre os favoritos

Por Assis Moreira | De Genebra

A tensão começa a crescer na disputa pela direção da Organização Mundial do Comércio (OMC), ao mesmo tempo em que o candidato brasileiro Roberto Azevedo se consolida entre os favoritos. Desde o começo de janeiro, quando começou sua campanha, Azevedo não parou: visitou 37 países na América Latina, África e Europa, e agora continuará a busca de apoio na Europa, Ásia e Oriente Médio.

"Estou muito satisfeito com as reações à minha candidatura, tanto em Genebra quanto nos vários países que visitei", disse ele, de passagem por Genebra, no intervalo de uma maratona de reuniões com delegados de diferentes países.

Na cena comercial, cada um faz simulações de apoio procurando favorecer o tamanho da "simpatia" recebida por seu candidato. Mas a tendência no geral aponta, entre os nove, para Roberto Azevedo e a candidata da Indonésia, Mari Pangestu, na reta final, seguidos pelo neozelandês Tim Groser.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Quem está atrás, pelo menos na percepção de bom número de delegados em Genebra, prefere insistir que as decisões ainda serão sacramentadas nas capitais, envolvendo interesses que vão bem além do comércio.

A escolha do novo diretor-geral dessa entidade-chave na governança global não é por votação e sim por consenso. Uma troica formada pelos embaixadores do Paquistão, Canadá e Suécia, que presidem os principais órgãos da OMC, servirá como "facilitadora" na seleção das candidaturas.

Nesta semana, a troica fará a primeira reunião com chefes de delegação dos 159 países membros para tentar definir os próximos passos do processo de escolha - e, sem surpresa, a possibilidade de conflito aumenta. A Coreia do Sul apareceu com uma proposta que visa dar um pouco de fôlego a seu fraco candidato. Sugere várias rodadas de seleção, com eliminações de candidatos, para sobrarem três na rodada final.

A preocupação de vários emergentes é que, sobrando três para a final, dois candidatos de nações em desenvolvimento se dividiriam e favoreceriam um candidato de país desenvolvido. Se os países ricos forcarem nessa proposta, o conflito será inevitável já agora. A Índia foi um dos primeiros a avisar que só devem sobrar dois candidatos para a rodada final.

Sobretudo, resta definir o "consenso". Por exemplo, um candidato chega na final com 90 apoios e outro com dez. Só que o primeiro sofre o voto de um país. O que a troica vai fazer? Ignorar a maioria e apontar o segundo como escolha consensual?

O desafio é buscar um equilíbrio entre transparência e formação de consenso, até para evitar o que aconteceu há mais de dez anos, na disputa pelo cargo entre o tailandês Supachai Panitchpakdi e o neozelandês Mike Moore. O sentimento geral entre países em desenvolvimento era de que Supachai tinha muito mais apoio. Quando a troica anunciou o suposto consenso em torno de Moore, a rejeição foi enorme, o processo ficou bloqueado. Várias semanas depois o jeito foi dividir o mandato entre os dois (de três anos para cada um, em vez dos quatro anos normais). Com a OMC rachada, nenhum deles conseguiu fazer nada no cargo.

Com nove candidatos desta vez, a repetição do cenário catastrófico não pode ser afastado. "Consenso só existe quando há confiança mútua entre os países, e é difícil dizer que isso existe hoje", diz um observador dos processos de seleção na OMC.

Ou seja, há o risco de sair um vencedor numa entidade rachada, já com dificuldade para empurrar por alguma liberalização na conferência ministerial de dezembro, em Bali (Indonésia) para ajudar a economia mundial a se recuperar.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3039182/disputa-pela-direcao-da-omc-aumenta-e-brasileiro-se-consolida-entre-os-favoritos>

Internacional

Após pressão do Brasil, Morales chama Piñera para inaugurar obra

Por Fabio Murakawa | De São Paulo

Pressionado pelo Brasil, o presidente da Bolívia, Evo Morales, recuou de sua decisão de não convidar o presidente do Chile, Sebastián Piñera, para a inauguração do chamado corredor bioceânico - uma rede de estradas que permitirá uma ligação do Atlântico com o Pacífico passando pelos territórios brasileiro, boliviano e chileno. A cerimônia está marcada para o dia 5 de abril e deve ocorrer na cidade boliviana de San José de Chiquitos.

Morales anunciou o evento no fim de fevereiro, mas afirmou que não convidaria Piñera. Em seu lugar, anunciou como "convidado especial" Ollanta Humala, presidente do Peru, país que também faz fronteira com a Bolívia e que dispõe de uma saída ao Pacífico - um gesto provocativo que causou estranhamento até mesmo na diplomacia peruana, segundo apurou o Valor.

Segundo fontes do governo brasileiro, o anúncio de Morales desagradou o Brasil, que pediu que ele reconsiderasse sua decisão.

Chile e Bolívia vivem um momento tenso nas relações bilaterais, em meio a processos movidos por La Paz em tribunais internacionais por uma saída ao mar em um trecho onde hoje fica o território chileno. A prisão de três militares bolivianos no Chile no mês passado ajudou a esquentar o clima.

Em visita a Caracas para o funeral do presidente venezuelano Hugo Chávez, Morales disse na sexta-feira que voltou atrás. "Frente às queixas à chancelaria [boliviana], vamos convidar Piñera. Não somos excludentes", afirmou.

Ele disse que faria o convite pessoalmente a Piñera, que estava na capital venezuelana.

Fontes do governo brasileiro afirmam que o governo Piñera vinha "fazendo gestões" para que Dilma não comparecesse ao evento. Na quinta-feira, a presidente do comitê de Política Internacional do Senado boliviano, Centa Rek, disse que o Brasil havia pedido a Morales que voltasse atrás e convidasse Piñera.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"O que sei extraoficialmente é que [o Brasil] está pedindo ao governo boliviano que reconsidera esse convite, porque eles [Brasil] não estariam de acordo com nenhum tipo de exclusão. Isso implicaria também que se convide Sebastián Piñera", afirmou.

O assunto foi tratado na visita do ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, a La Paz há dez dias. Além deste tema, Patriota e os bolivianos conversaram sobre a situação do senador opositor boliviano Roger Pinto, que está há nove meses refugiado na embaixada brasileira em La Paz. Pinto, que tem contra si 22 processos, se diz perseguido e já recebeu asilo político da presidente Dilma Rousseff, mas Morales se nega a conceder-lhe o salvo-conduto para que deixe o país sem ser preso.

Oficialmente, o Palácio do Planalto diz que Dilma ainda não confirmou sua presença na inauguração. Sua assessoria de imprensa afirma que não comenta sobre os supostos pedidos do Brasil para que Morales convidasse Piñera. Tampouco quis comentar se a presença de Dilma no evento na Bolívia dependia da evolução do caso do senador Roger Pinto.

O corredor bioceânico é uma rede de estradas brasileiras, bolivianas e chilenas idealizada para unir os três países e fazer uma ligação entre os portos de Santos, no Brasil, e de Arica, no Chile, atravessando a Bolívia.

Ele é fruto de um acordo assinado em 2007 pelos então presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil), Michelle Bachelet (Chile) e Morales e prevê investimentos totais de US\$ 604 milhões.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3039318/apos-pressao-do-brasil-morales-chama-pinera-para-inaugurar-obra>

Finanças

Moody's vê notas da América Latina estáveis

Por Daniela Machado e Filipe Pacheco | De São Paulo

Os ratings de países da América Latina têm grande chance de estacionar no patamar atual. Após um ciclo de elevações nos últimos quatro anos, galgar posições melhores na escala de risco dependerá de reformas mais complexas que as necessárias até agora, segundo a agência de classificação de risco Moody's Investors Service.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O desafio vale principalmente para os 10 países que ingressaram na categoria "Baa" - a primeira a ser alcançada na faixa considerada grau de investimento e na qual está o Brasil ("Baa2").

"As questões que precisam ser enfrentadas para dar suporte a melhorias adicionais dos ratings serão mais desafiadoras. E, assim, o ritmo de 'upgrades' vai provavelmente desacelerar de maneira significativa", aponta a agência em relatório sobre as perspectivas para a América Latina e o Caribe, que será divulgado hoje ao público.

O tema é particularmente relevante para o Brasil, que celebrou a entrada no clube de países "grau de investimento" apesar da crise mundial de 2008, mas ainda está empurrado com as notas de Panamá e Peru e atrás de nações como Chile e México.

No fim do ano passado, quando chegou o momento de a Moody's se posicionar sobre a perspectiva positiva atribuída ao país, havia expectativa de que o rating brasileiro pudesse ser elevado. Mas, numa decisão pouco comum, a agência reafirmou o "Baa2" e manteve a perspectiva positiva, ganhando um novo período de 12 a 18 meses para analisar os pontos de dúvida e promover, ou não, a nota de risco da dívida brasileira.

Nos últimos anos, os "upgrades" foram motivados, em grande parte, por maior resistência das economias latino-americanas a choques externos, melhora do perfil de dívida do governo e desempenho econômico acima da média de outras partes do mundo. Agora, as demandas serão mais desafiadoras. "Será chave o fortalecimento da instituições em geral, com particular atenção a arranjos institucionais críveis que reforcem a gestão fiscal", cita a agência, dando como exemplo a existência de leis de responsabilidade fiscal, fundos de estabilização e fundos soberanos. Além disso, a Moody's espera reformas estruturais que pavimentem o caminho para o aumento das taxas de investimento e de poupança interna.

No Brasil, especificamente, são importantes as reformas tributária e da previdência, além de uma simplificação de regras de modo a estimular investimentos. "A interferência no setor de energia, por exemplo, teve uma resposta negativa e gerou frustração e preocupação [quanto à atuação do governo]. Percebemos que o governo está aprendendo à medida que faz. Está indo na direção correta e sabemos que leva tempo. Agora vemos mais medidas sendo tomadas que no passado. Vemos mais ações sendo tomadas no governo Dilma do que vimos durante a gestão Lula", disse Mauro Leos, analista sênior da Moody's.

No ano passado, ao reafirmar a nota do Brasil, a Moody's também citou que, entre os pontos positivos que poderiam levar a uma melhora da nota brasileira, estava a redução consistente da taxa básica de juros. O cenário, nesse quesito, continua favorável, a despeito das sinalizações

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

recentes de um aumento da Selic pelo Banco Central, segundo a Moody's. "Pelas estimativas, a Selic poderia ir a até 8,5% ou 8,75%, no máximo. Agora esse é o patamar máximo que pode alcançar, enquanto no passado era o mínimo que poderia ser almejado", afirmou Leos. "Isso valida nossa visão de que o Brasil consolidou um ambiente de juros menores."

A Moody's também destaca no relatório um processo de "redolarização" da dívida de países da região, dada a farta liquidez internacional e a possibilidade de captar recursos no mercado externo pagando taxas em níveis recorde de baixa. Tal situação ainda não é considerada fonte de problema, segundo a agência, porque a maioria dos países da América Latina reduziu drasticamente a exposição cambial oriunda da dívida dos governos nos últimos anos, em especial no Brasil, e gerou espaço em seu balanço para absorver maior endividamento corporativo em moeda estrangeira. "Estamos de olho nisso. Mas até agora não vimos mudança significativa [que indique risco soberano]", diz Aaron Freedman, responsável pelo rating de parte dos países da América Latina.

Fonte: <http://www.valor.com.br/financas/3039016/moodys-ve-notas-da-america-latina-estaveis>

O GLOBO

<http://oglobo.globo.com/>

Economia

Brasil pode se tornar maior exportador mundial de milho em 2013

Safra recorde é favorecida pela quebra da safra americana.

Todo esse esforço, porém, esbarra na dificuldade do transporte.

Do Globo Rural

10/03/2013 09h00 - Atualizado em 10/03/2013 09h00

O Brasil pode se tornar o maior exportador mundial de milho esse ano. Os produtores brasileiros estão colhendo uma safra recorde e aproveitam a quebra da safra americana, mas todo esse esforço esbarra na dificuldade do transporte.

O Brasil nunca produziu e exportou tanto milho. Só ano passado, foram embarcadas no país quase 20 milhões de toneladas, mais do que o dobro do exportado em 2011.

A expectativa é que, em 2013, a exportação continue com números muito bons. O Ministério da Agricultura dos Estados Unidos chegou a declarar, inclusive, que o Brasil deve tomar dos

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

americanos o primeiro lugar no ranking dos países que mais exportam o grão, um feito inédito. O lugar era ocupado há décadas pelos Estados Unidos.

Os estoques norte-americanos ainda estão baixos por causa da forte estiagem que atingiu as principais regiões produtoras em 2012 e provocou perdas de cerca de 100 milhões de toneladas de milho. Essa queda na oferta mundial fez o preço internacional do grão disparar e abriu mercado para o milho brasileiro lá fora. Essa conquista tende a ser temporária, pois os Estados Unidos devem recuperar, já na próxima temporada, o topo nas exportações.

Para o analista de mercado Camilo Motter, os produtores brasileiros aprenderam rapidamente as regras desse jogo e souberam aproveitar o espaço deixado pelos americanos. "O Brasil pode se tornar um grande exportador de milho também. Fica a lição de que podemos ser competitivos, podemos exportar nossos excedentes de milho e não devemos regredir. Tempos atrás, nossa produção de milho era basicamente colocada no mercado interno porque não tínhamos competitividade em termos de custos, de logística, que ainda precisamos melhorar muito, mas que hoje nós já estamos conseguindo conquistar", explica.

Na região de Cascavel, no oeste do Paraná, os produtores andam investindo pesado no milho. Segundo o sindicato rural, a área plantada na segunda safra, também chamada de safrinha, deverá ser oito vezes maior que a da safra de verão.

O agricultor Paulo Orso, por exemplo, decidiu investir no milho nas duas safras. O produtor tem 450 hectares e plantou 75 hectares com o milho de verão, que ele está terminando de colher, e outros 200 hectares com o chamado milho safrinha.

"Sem dúvida nenhuma, nós aproveitamos essa oportunidade, tanto como a condição favorável de plantio neste ano. Com a antecipação da colheita de verão, nós tivemos a felicidade de implantar essa lavoura, em toda essa área, em tempo excelente dentro dos nossos zoneamentos e, com isso, nos favoreceu. A grande vantagem é realmente a oportunidade de mercado que fez a gente fazer a expansão", diz Orso.

Os números estimados para a safrinha são mesmo de impressionar. Segundo previsão da Conab divulgada esta semana, o Brasil deve produzir, em 2013, 41 milhões de toneladas, quase 5% a mais do que na safra passada, que já tinha sido considerada maior safrinha de milho da história, tendo ultrapassado, inclusive, o volume produzido na safra de verão.

Vale lembrar que a segunda safra sempre oferece riscos para o produtor, ainda mais nessa região, onde as geadas são sempre uma ameaça. Gustavo Salton, agrônomo que administra outra

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

propriedade no município de Cascavel, diz que, além dos 80 hectares de milho de verão que estão sendo colhidos agora, a fazenda também decidiu aumentar sua área de milho de segunda safra de 50 para 135 hectares, apesar dos riscos.

"Eu tenho uma área um pouco pequena que está plantando ainda. Nós estamos já em março, mas vamos tentar correr um pouco esse risco para aproveitar esse bom momento do mercado", afirma Salton. Se os produtores andam tão otimistas, o mesmo não se pode dizer de quem comercializa o grão.

As empresas que compram esse milho para exportar aproveitam, claro, o bom momento do mercado, mas sem grandes investimentos e com muita cautela. O temor não tem nada a ver com a produção. Uma empresa, também de Cascavel, especializada em exportação de grãos, deve mandar para o mercado externo este ano 25 mil toneladas de milho, cerca de 30% a mais do que no ano anterior.

Para Jorge Barzotto, um dos sócios-diretores da Cerealista, o que faz o exportador colocar o pé no freio são alguns dos já velhos conhecidos problemas. "A nossa logística é uma das mais caras do mundo. Transporte rodoviário, pedágio, a questão dos portos, são fatores extremamente limitantes para o Brasil se consolidar como um grande player, um grande exportador de milho no mercado mundial", diz.

Essa preocupação se justifica. Os gastos com o frete rodoviário e com os pedágios encarecem o custo para exportação, e ainda há as taxas dos portos. "Temos mais ou menos em torno de R\$ 24 por tonelada para fazer a elevação do porto, em torno de R\$ 11 por tonelada por pedágio e em torno de R\$ 90 por tonelada de transporte de Cascavel até Paranaguá. Diria que dá em torno de R\$ 8 a R\$ 9 por saco, descontados do produtor, por custo de logística no Brasil", diz Barzotto.

As exportações de milho e soja mais que triplicaram nos últimos anos. Em 2000, o Brasil exportou 18 milhões de toneladas e, agora, em 2013, esse número deve chegar a 57 milhões.

Paulinho Dalmaz, diretor técnico do porto, explica que o volume de grãos embarcado em Paranaguá este ano deve ser 20% maior que o da safra passada, e que não há muito que fazer para evitar a lentidão no escoamento desta super safra.

"A curto prazo, é só planejamento, é dedicação, é trabalho diário para que não se perca um minuto sequer de carregamento. Logicamente, existe uma dissintonia entre o campo e os portos. Não dá para dizer que é de Paranaguá, é de Santos, é de Rio Grande. Eles ficaram muito tempo

sem grandes investimentos, e os investimentos portuários são investimentos demorados", explica Dalmaz.

Essa semana, uma fila de dois mil caminhões se formou na BR-364, em Alto Araguaia, Mato Grosso, onde funciona o terminal ferroviário. Outros 1.500 caminhões já aguardavam dentro do terminal para carregar os trens com destino ao porto de Santos, em São Paulo.

Em Santos, há mais filas. Com os terminais operando acima da capacidade, os caminhoneiros pararam, até em fila dupla, em plena estrada. O resultado foi congestionamento de 20 quilômetros nas principais rodovias que dão acesso ao porto.

Para o agrônomo e especialista em agronegócio Marcos Jank, os problemas de escoamento podem se agravar, e prevê um período de dificuldades. "O cenário vai ser absolutamente caótico esse ano porque nós vamos exportar quase 40% a mais por conta do grande crescimento da exportação de milho", diz.

"Existe realmente um grande crescimento, principalmente na soja e no milho, que vai engorgar ainda mais a situação desses portos, particularmente nos meses de abril a junho", completa Jank. Em Brasília, a Secretaria de Portos da Presidência da República acredita que não há risco de colapso no escoamento da safra.

"Risco de desatendimento não há. O que existe é que podemos chegar próximo ao limite de capacidade desses portos, e aí termos um nível de serviço um pouco abaixo do que esperávamos. Pode haver formação de filas e um custo um pouco maior, mas esta é uma situação totalmente inesperada. A gente não esperava essa safra para esse momento. A nossa expectativa, pelo Plano Nacional de Logística Portuária, é que chegássemos a uma safra de 15 milhões, uma exportação de 15 milhões de toneladas, em 2020 apenas", explica Luís Cláudio Montenegro, diretor da Secretaria dos Portos.

Nos portos, as empresas que têm terminal próprio conseguem embarcar sem problemas, mas quem usa os corredores normais de exportação está enfrentando fila para carregar. Os navios esperam até 20 dias em Paranaguá e de 30 a 40 dias em Santos.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/03/brasil-pode-se-tornar-maior-exportador-mundial-de-milho-em-2013.html>

Mundo

Maduro e Capriles abrem disputa para eleições na Venezuela

France Presse

CARACAS, 11 Mar 2013 (AFP) - O sucessor de Hugo Chávez, Nicolás Maduro, e o candidato da oposição, Henrique Capriles, iniciaram de maneira dura no domingo a disputa para as eleições venezuelanas de 14 de abril, que poderia coincidir com um referendo para decidir se o corpo embalsamado do falecido presidente será levado ao Panteão Nacional.

Capriles, um advogado de 40 anos que perdeu a eleição de outubro do ano passado para Chávez por 11 pontos, anunciou que enfrentará a Maduro, em uma entrevista coletiva na qual acusou o candidato oficialista de 'mentir' sobre a morte do presidente e de usá-la para fazer campanha política.

'Vou lutar com vocês, com todos vocês. Nicolás, não vou deixar o caminho livre para você, companheiro. Você terá que me derrotar com votos', provocou Capriles durante uma entrevista coletiva, acrescentando que, na tarde desta segunda-feira, irá formalizar sua candidatura ante o Conselho Nacional Eleitoral (CNE).

Capriles é governador do estado de Miranda (norte) e já foi prefeito do município de Baruta.

Capriles criticou duramente o governo por sua forma de lidar com a doença de Chávez.

'Quem sabe quando morreu o presidente Chávez? Vocês tinham tudo calculado (...) Agora vocês utilizam o corpo do presidente para fazer campanha política', afirmou Capriles, depois de acusar 'Nicolás e seu combo' de estar 'doentes de poder'.

De maneira imediata e com uma foto de Chávez atrás, Maduro, um ex-motorista de ônibus e ex-sindicalista de 50 anos, chamou Capriles de 'fascista de rosto nauseabundo', 'miserável' e o acusou de 'sujar' a memória do 'comandante supremo da revolução'.

'Cai a máscara e se vê o rosto nauseabundo do fascista que é. Seu objetivo é provocar o povo da Venezuela, é um irresponsável. Está buscando que o povo da Venezuela saia da via e vá pelos caminhos da violência', disse.

'Está buscando a violência para romper o tabuleiro político venezuelano e então manchar o processo eleitoral (...) e depois justificar sua retirada da campanha pela violência que ele mesmo gerou com suas grandes ofensas ao povo', acrescentou.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A eleição está programada para o dia 14 de abril e analistas apontam que serão difíceis para a oposição, devido ao clima de comoção entre os chavistas após a morte de seu líder, que governou o país por 14 anos.

Depois de atacar o adversário, Maduro, que assumiu o governo como presidente interino na sexta-feira, anunciou que o governo deve propor uma emenda constitucional para levar o corpo de Chávez ao Panteão, onde está o libertador Simón Bolívar, o que deve ser submetido a referendo em 30 dias.

'Se há alguém que ganhou em 200 anos o direito de ir ao Panteão Nacional é o comandante Hugo Chávez, elevado ao grau de redentor dos pobres', afirmou Maduro.

Ele não citou explicitamente a convocação de um referendo, a Constituição estabelece que as emendas da Carta Magna devem ser submetidas a votação popular.

A Constituição estabelece atualmente que devem transcorrer 25 anos do falecimento de um venezuelano para que possa entrar no Panteão.

'O oficialismo estaria fazendo uma jogada interessante: atrelar a emenda às eleições, de forma que estas estariam completamente centradas em Chávez', disse à AFP o presidente do instituto Datanálisis, Luis Vicente León.

mis/fp

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/maduro-e-capriles-abrem-disputa-para-eleicoes-na-venezuela-1.html>

Colômbia promove no Brasil mercado 'atrativo' para fundos de investimentos

Agencia EFE

10/03/2013 20h48 - Atualizado em 10/03/2013 20h48

São Paulo, 10 mar (EFE).- O Governo da Colômbia, através de seu escritório de promoção de comércio exterior, investimentos e turismo (Proexport), promove no Brasil o mercado de seu país como 'atrativo e seguro' para os fundos internacionais de investimentos.

'É um campo no qual viemos atuando ativamente e agora é um de nossos focos principais, porque sabemos que os fundos estão olhando um pouco além do Brasil', afirmou à Agência Efe Juan Carlos González, vice-presidente de Promoção de Investimentos do Proexport.

González, que participou nesta semana de diferentes eventos e reuniões no Rio de Janeiro e São Paulo, disse que a Colômbia oferece um mercado 'atrautivo e seguro' para 'fundos de todos os tipos'.

'Vemos as grandes multinacionais investindo na Colômbia, abrindo escritórios e criando mais oportunidades e os fundos também estão se movimentando muito no mundo e são entidades que sempre têm bastante liquidez', detalhou o funcionário.

Apesar de que 80% do capital aplicado na região pelos fundos de investimentos esteja destinado ao Brasil, González considerou que 'há suficientes recursos para todos (os países), pois há muitos fundos bilionários com vontade para investir'.

'O Brasil é importante e seguirá sendo importante, mas na América do Sul, depois do Brasil, o país que os fundos mais olham agora é Colômbia', acrescentou.

No entanto, González considerou que apesar da disponibilidade desses recursos, 'o problema não é a demanda, mas a oferta' que os países possam oferecer aos fundos e nesse sentido lembrou da política de zonas francas existente na Colômbia para diversificar as atividades econômicas.

O funcionário liderou a delegação colombiana que participou do congresso Super Return Latin America, que reuniu 100 grandes investidores da América do Norte, Europa, Oriente Médio, África e Ásia, além de representantes da própria região latino-americana. EFE

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/colombia-promove-no-brasil-mercado-atrativo-para-fundos-de-investimentos.html>

AGÊNCIA BRASIL

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Internacional

Venezuela quer fortalecer relações econômicas com a China

Thais Leitão*, Repórter da Agência Brasil

09/03/2013 - 18h18

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Brasília - O presidente interino da Venezuela, Nicolás Maduro, disse hoje (9) que pretende fortalecer as relações econômicas com a China. Durante encontro com uma delegação do país asiático para rever as alianças e os acordos firmados, Maduro ressaltou a força econômica e política da China no cenário internacional.

"As nossas relações [entre a Venezuela e a China] estão no contexto da emergência de uma nova América Latina e no Caribe, uma nova era histórica", acrescentou.

Maduro também agradeceu o apoio do governo da China durante o tratamento de Hugo Chávez e a carta de condolências enviada pelo presidente chinês, Hu Jintao, à família.

O presidente interino prometeu à delegação chinesa, que compareceu ao velório de Chávez, que o ministro do petróleo venezuelano, Rafael Ramírez, fará uma visita ao país nas próximas semanas.

A China é o segundo maior parceiro comercial da Venezuela, com volume anual de negócios que supera os US\$ 12 bilhões (9,1 bilhões de euros), em particular pelos cerca de 500 mil barris de petróleo que o país sul-americano exporta diariamente para o país asiático.

***Com informações da emissora multiestatal de televisão, Telesur, e da Agência Venezuelana de Notícias, AVN**

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-09/venezuela-quer-fortalecer-relacoes-economicas-com-china>

PRENSA LATINA

<http://www.prensalatina.com.br/>

Paraguai: audiência internacional sobre violação dos direitos humanos

Assunção, 11 mar (Prensa Latina) Seis organizações sociais paraguaias estarão presentes como acusadoras nesta sexta-feira na audiência internacional convocada para debater a violação dos direitos humanos no Paraguai, foi divulgado hoje.

A Coordenadora pelos Direitos Humanos e a Coordenadora Nacional de Organizações de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Indígenas estarão à frente do grupo durante a sessão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A audiência abrirá o período ordinário de reuniões da Comissão com o debate intitulado Situação Geral dos Direitos Humanos no Paraguai, baseado nas denúncias contra o governo apresentadas pelas entidades sociais do país.

Entre as denúncias figuram a violação dos direitos de camponeses presos depois do sangrento despejo realizado em junho na cidade de Curuguaty com saldo de 11 trabalhadores e seis policiais mortos.

Enrique García, dirigente da Coordenadora pelos Direitos Humanos, declarou que as acusações incluem execuções extrajudiciais dos camponeses, parcialidade da promotoria e do juiz no caso e a prisão de um menor de idade também torturado.

De igual maneira, o atropelo aos direitos dos povos indígenas, como o fato do Instituto Paraguai do Indígena vender ilegalmente suas terras, e um dossier com vários dados sobre demissões massivas de funcionários públicos do Estado depois do golpe contra o presidente Fernando Lugo.

Viajarão a Washington, sede da audiência, Katia Gorostiaga, do Comitê da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher e outros membros de organizações camponesas e indígenas.

Uma denúncia parecida será debatida hoje em Genebra pelo Comitê de Direitos Humanos da ONU, que aponta diretamente ao desconhecimento dessas prerrogativas pelo Executivo de Federico Franco.

ale/jrr/cc

Fonte:

http://www.prensalatina.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1194841&Itemid=1

Argentina

PAGINA 12

www.pagina12.com.ar

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

El Mundo

Maduro lanzó su candidatura presidencial

Tras jurar ante los comunistas profundizar la Revolución Bolivariana, Maduro admitió, entre lágrimas, que es una verdad de Perogrullo que él no es Chávez, hablando del carisma del líder fallecido.

El presidente encargado de Venezuela, Nicolás Maduro, afirmó que hoy inscribirá su candidatura a los comicios presidenciales para el 14 de abril por orden del comandante Hugo Chávez y aseguró que, en caso de ganar las elecciones, conducirá la transición del país caribeño al socialismo. Al aceptar la nominación a la presidencia como candidato del Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV), Maduro aseguró que no tiene aspiraciones personales y que llegó a la posición de presidente encargado por mandato de Chávez, quien murió el martes pasado. En un discurso ante la XII Conferencia del PCV, la cual lo apoya y lo hizo formalmente su candidato para las presidenciales, Maduro insistió en que necesita el apoyo del pueblo, de todas las fuerzas revolucionarias.

“Le pido fuerza y apoyo a nuestro pueblo. Yo soy un hombre de la calle, yo no voy a ser presidente a partir del 15 de abril porque tenga vanidades o aspiraciones personalistas. Soy presidente encargado, comandante de la fuerza armada y candidato a la presidencia porque así lo mandó Chávez y voy a cumplir sus órdenes”, dijo el mandatario en una asamblea del Partido Comunista de Venezuela.

Maduro pertenece al PSUV, que a su vez forma parte del Polo Democrático, una alianza que aglutina a socialistas, comunistas y otros organizaciones afines al fallecido presidente Hugo Chávez. Tras jurar ante los comunistas mantener y profundizar la Revolución Bolivariana, Maduro admitió, entre lágrimas, que es una verdad de Perogrullo que él no es Chávez, hablando de la inteligencia, el carisma, la fuerza histórica, la capacidad de conducción y mando, y la grandeza espiritual del mandatario venezolano.

“Una cosa es que yo sea chavista”, y “otra cosa que alguien pueda aspirar a que Nicolás Maduro sea Chávez”, dijo aunque subrayó: “Todos juntos somos Chávez y por separado no somos nada y podemos perderlo todo”.

Maduro invitó al PCV a incorporarse formalmente a la dirección político-militar de la Revolución Bolivariana. El PCV considera que la lucha contra la corrupción y la ineficacia estatal es tarea de primer orden, así como que el gobierno llame a un debate nacional profundo sobre el socialismo, para aclarar el concepto, la naturaleza y el carácter de los obstáculos que en la actualidad nos

separan de la posibilidad objetiva de esta condición, rezan las conclusiones de la XII Conferencia del PCV.

Maduro aceptó críticas que en nombre del PCV hizo Oscar Figuera, secretario general del Comité Central del partido aliado, y que el presidente encargado manifestó se analizarán en la dirección político-militar de la Revolución Bolivariana. También exhortó a Maduro a que el gobierno revise algunas medidas económicas que afectan al pueblo trabajador, de las cuales Figuera no dio mayores detalles.

El presidente encargado dijo estar satisfecho por el acercamiento del PCV y recordó que esa fuerza fue una de las primeras que expresó su apoyo a Chávez para las elecciones de diciembre de 1998, lo que a la postre representaría el primero de una serie de triunfos para el líder bolivariano.

En medio de gritos de los militantes comunistas de "Maduro, al yanqui dale duro", el presidente interino pidió ayuda para continuar la transición al socialismo porque, según señaló, "aún seguimos en una sociedad capitalista". La campaña electoral para el 14 de abril será relámpago, y se llevará a cabo por apenas 10 días, aunque comenzará el 2 de abril. Maduro podrá hacer campaña sin abandonar el cargo de presidente interino, según estableció una sentencia del Tribunal Supremo de Justicia (TSJ).

Maduro, de 50 años, es un ex dirigente obrero, con formación marxista, que se inscribió en el sindicalismo siendo chofer en el transporte público. Pasó de ser chofer de autobús del Metro de Caracas a diputado por esa región, luego se desempeñó como titular de la Cancillería y después fue presidente interino. Hoy revive el sueño de que la clase trabajadora lleve a uno de sus representantes al poder, como lo hizo en su momento el ex presidente Inacio Lula Da Silva en Brasil.

El presidente encargado estuvo muy cerca de Chávez durante toda su convalecencia por el cáncer. Antes de morir, el líder bolivariano llamó a sus partidarios a votar por Maduro en caso de que no superara la cuarta operación.

Venezuela intentará trabajosamente comenzar el lento retorno a la normalidad tras la muerte del presidente Hugo Chávez, cuando hoy se reanuden las clases y se cierre el plazo para inscribir las candidaturas a sucederlo en las elecciones del 14 de abril. Sin embargo, el epicentro emotivo del país continuará, al menos hasta el jueves, ubicado en la Academia Militar, donde ayer, al cumplirse el quinto día del velatorio, no cedía la afluencia de ciudadanos que forman colas de hasta 30 horas para despedir al líder fallecido.

Tanto la capilla ardiente como la amplia zona en la que se forma la fila de quienes aspiran a ver por última vez los restos de Chávez son escenario de tristeza y dolor, pero también de orgullosas manifestaciones de lealtad y fidelidad al presidente fallecido. La música que suena –cada tanto en la capilla, todo el tiempo afuera– no es sacra, sino la alegre y vigorosa llanera, en muchos casos con letras adaptadas a las consignas de las últimas campañas electorales o de homenaje a Chávez.

Maduro visitó en la madrugada de ayer la capilla ardiente, esta vez acompañado por su esposa, la procuradora general de la República, Cilia Flores; el vicepresidente ejecutivo, Jorge Arreaza, y la ex senadora colombiana Piedad Córdoba. Allí se vivió un momento emotivo cuando el teniente Juan Escalona, edecán de Chávez, entonó frente al féretro, con micrófono y secundado por músicos, el joropo "Alma bolivariana", del popular cantante y compositor Reynaldo Armas.

"Con todo el honor para mi comandante en jefe", expresó antes de cantar, y al final de la letra, que afirma que "el alma bolivariana todavía sigue en acción", le añadió: "El alma chavista todavía está en revolución". Más tarde se celebró en la capilla ardiente una misa en la que la ministra de la Juventud, Maripili Hernández, cantó canciones del célebre compositor y activista comunista Alí Primera –fallecido en 1985–, como "La patria es el hombre" y "Los que mueren por la vida".

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-215545-2013-03-11.html>

TELAM

www.telam.com.ar

"Chávez fue pionero de la integración regional y lo vamos a extrañar", aseguró Taiana

El excanciller Jorge Taiana destacó este domingo "la profunda huella" que dejó Hugo Chávez en Venezuela y para la integración latinoamericana de la que fue, dijo, "un precursor, el pionero".

"Lo que hemos vivido estos días acá en Caracas es una prueba de la trascendencia de lo que hizo Chávez, de la huella que él ha dejado en Venezuela", declaró Taiana a Télam y recordó que conoció al fallecido líder bolivariano "antes de que fuera presidente, cuando se preparaba para las elecciones de 1998", que ganó.

En lo personal, añadió, "guardo hacia él un particular afecto, cariño y respeto" hacia el fallecido presidente venezolano.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Realmente ha hecho una tarea de pedagogía sobre los derechos del pueblo, la organización popular y deja una significativa mejora en la condición y en la dignidad de los trabajadores y todo el pueblo", opinó Taiana.

"Esto es lo que vemos en la respuesta de la gente, porque cada día es una enorme manifestación, con dolor pero con alegría, con firmeza y con la decisión de seguir conquistando derechos e igualdad", resumió.

En la región, Taiana recordó que "Chávez fue el primero de los presidentes que cuestionó la resignación y el neoliberalismo de los '90, y que empezó a plantear una cosa distinta".

"En la Cumbre americana de 2001, en Canadá, todos los presidentes de apoyaron el ALCA (el acuerdo de libre comercio continental impulsado por Estados Unidos), como lo habían apoyado en el 94 y en el 98, y por primera vez hubo un presidente que se opuso, fue él, que participaba por primera vez en estas reuniones", recordó.

En las calles en Quebec "ya había miles de manifestantes que cuestionaban ese modelo de apertura económica, desregulación, especulación financiera y privatizaciones que quería consagrarse mediante el ALCA", pero dentro de la cumbre fue precursor, señaló.

Taiana sostuvo que en esa época el líder bolivariano "estaba representando una nueva era, fue un pionero, y no sólo cuestionó ese modelo sino que propuso como alternativa la integración entre nuestros países".

"Después vino el rechazo al ALCA en la Cumbre en Mar del Plata, preparado por el cuestionamiento previo de Hugo, que se encontró con Néstor (Kirchner), que estaba muy firme en eso, y con Lula" Da Silva, evocó el excanciller argentino.

En su opinión, "sin ese rechazo no hubiera habido una propuesta de integración primero subregional, con el fortalecimiento y la reformulación del Mercosur, y luego con la Unasur y la Celac".

"Hugo ha sido un gran abanderado de todo esto y lo vamos a extrañar, porque él fue un gran impulsor y creo que tuvo mucho que ver con lo que se avanzó en estos años", añadió.

Sobre el presidente encargado Nicolás Maduro y candidato chavista para las elecciones presidenciales del 14 de abril próximo, Taiana opinó que fue "una gran decisión" de Chávez y recordó que con el primero trabajaron codo a codo muchos años como cancilleres.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Nicolás es un hombre con un gran compromiso social, abanderado de la causa de la revolución bolivariana, un hombre que ha tenido una gran lealtad a Chávez y creo que va a hacer una muy buena gestión", agregó.

Taiana evocó la época en que Maduro era colectivero y dirigente sindical de esa actividad y que, por lo tanto, "es el tercer presidente de extracción sindical, junto al brasileño Lula Da Silva y el boliviano Evo Morales", en Latinoamérica.

"En estos días tuve la oportunidad de darle un fuerte abrazo y le deseé por supuesto el mejor de los éxitos y el apoyo de todos los compañeros que en la Argentina queremos que siga bien este proceso en Venezuela", concluyó.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9953-chavez-fue-pionero-de-la-integracion-regional-y-lo-vamos-a-extranar-aseguro-taiana.html>

Paraguai

ABC

www.abc.com.py

Editorial

El Mercosur descartable

Sorpresivas al mismo tiempo que subliminales y plenas de mensajes elípticos, son las expresiones vertidas días atrás por el presidente del Uruguay, José Mujica, en el sentido de que el Mercosur "es una mala unión aduanera" y que, por lo tanto, debería abrirse un debate en torno a su viabilidad y su destino. Detrás de estas expresiones se puede inferir el inicio de una campaña para dar por terminado el proceso de integración en el área y entronizar en su reemplazo a la Unasur, la nueva plataforma continental más amplia creada por el Brasil, con la que pretende potenciar su estrategia de imponer su liderazgo regional a escala mundial. Ante este seguro escenario, es una obligación de quienes ejercen y ejercerán la representación de la nación paraguaya en el campo internacional que se vayan preparando para defender como corresponde los intereses de los paraguayos y las paraguayas.

Sorpresivas, al mismo tiempo que subliminales y plenas de mensajes elípticos, son las expresiones vertidas días atrás por el presidente del Uruguay, José Mujica, en el sentido de que el Mercosur "es una mala unión aduanera" y que, por lo tanto, debería abrirse un debate en torno a su viabilidad y

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

su destino. Detrás de estas expresiones se puede inferir el inicio de una campaña para dar por terminado el proceso de integración en el área y entronizar en su reemplazo a la Unasur (Unión de Naciones Suramericanas), la nueva plataforma continental más amplia creada por el Brasil con la que pretende potenciar su estrategia de imponer su liderazgo regional a escala mundial.

"No podemos ni debemos engañarnos, en los últimos años, el Mercosur quedó muy estancado con crecientes dificultades de comerciar entre sus socios (...) y aunque existe voluntad bilateral manifiesta que creemos se irá concretando con Brasil, la verdad es que en todo el bloque tenemos dificultades de carácter paquidérmico para poder avanzar", sostuvo el mandatario oriental.

En su habitual alocución radial, el exguerrillero tupamaro sostuvo, igualmente, que la región debe estar atenta a la voluntad de Estados Unidos y la Unión Europea de crear un "gran espacio de libre comercio" entre ambos.

Oculta en esta declaración puede percibirse la intención de acabar con el Mercosur. Este bloque liderado por Brasil tiene virtualmente estancadas las negociaciones comerciales con la Unión Europea.

Previendo muchos años atrás esta situación, la mejor forma que ideó Brasil para asegurar su rol de "líder" regional fue impulsar la creación de un espacio –la Unasur– en el que sus pretensiones están aseguradas y su vocería es indiscutida.

De esta manera, así lo vería Itamaraty, podrán disputarle presencia internacional a Estados Unidos, algo que el Brasil viene persiguiendo vehementemente desde hace mucho tiempo. En un principio, el Mercosur, creado por ellos, fue un útil instrumento en las manos hegemónicas brasileñas, pero habiéndole cumplido este su misión, llegó el momento de descartarlo.

Brasil, hace casi 5 años (mayo del 2008), cuando lo consideró oportuno para su estrategia geopolítica, ya propuso la creación de la Unasur, utilizando al megalómano difunto platudo gorila bolivariano Hugo Chávez como punta de lanza títere para el cumplimiento de sus designios, haciéndolo aparecer a él como el principal protagonista (y financista) de impulsar la ansiada "integración latinoamericana" (la "Patria Grande" con la que los bolivarianos tanto dicen soñar), cuando que, en realidad, desde las sombras impulsaba e impulsa el proyecto a todo vapor en forma gratis era y es Brasilia.

Encima, uno de los grandes obstáculos legales que el Brasil tiene actualmente para hacer con el Mercosur lo que le venga en gana –y que es difícil entender cómo se le escapó en 1998; le habrá costado el pescuezo a más de uno de sus diplomáticos– es la norma vigente al interior del bloque

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

por la cual todas las decisiones deben ser adoptadas de manera consensuada, teniendo cada país miembro el derecho a vetar, por sí solo, cualquier iniciativa que considere inoportuna o contraria a sus intereses, como ocurrió recientemente con la postura de Paraguay en contra de la incorporación al Mercosur del dictador venezolano impulsada por Brasil.

En la Unasur, sin embargo, las cosas están preparadas para hacerle más fácil la cosa al Brasil, puesto que allí las determinaciones se asumen simplemente por mayoría de votos. Esta modalidad es muy funcional a los intereses brasileños, ya que le bastará mover en su favor a las siempre dóciles y presionables fichas "bolivarianas" (como se demostró, por ejemplo, con la apresurada arremetida de la patota de cancilleres que desembarcó en Asunción cuando la destitución de Lugo) para lograr el apoyo a los planes que sean concebidos por Itamaraty.

Con esta herramienta en mano, a los gobiernos brasileños les será mucho más fácil presentarse ante el mundo como los únicos portavoces legítimos e interlocutores válidos de los intereses sudamericanos (por el momento; no tardará mucho en "enamorar" también a los centroamericanos), asegurándose por esta vía que todos los demás países o bloques de países del resto del mundo se sienten a negociar con ellos sus pretensiones comerciales.

Para dar cumplimiento a sus ocultos designios de hegemonía regional y dominación, Brasilia utiliza, entre otros, a figuras como el presidente Mujica, quien ahora, de manera más o menos velada, viene a dar a entender que la disolución del Mercosur, atribuida a una supuesta ineficacia de su modelo integrador, está próxima.

Ante esta perspectiva, es pues de suma importancia que, una vez que el Paraguay tenga un nuevo presidente, la clase dirigente de nuestro país analice detenidamente las condiciones de integración que comenzarán a ser debatidas, analizadas y propuestas, tras las elecciones generales del 21 de abril próximo. Evidentemente, el Brasil buscará por todos los medios a su alcance que también nosotros seamos funcionales a sus planes y que nos adhiramos incondicionalmente a su perversa pretensión de sepultar al "descartable" Mercosur.

Ante este seguro escenario, es una obligación de quienes ejercen y ejercerán la representación de la Nación paraguaya en el campo internacional que se vayan preparando con tiempo y en forma para defender como corresponde los intereses de los paraguayos y las paraguayas.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/editorial/el-mercous-descartable-547719.html>

Política

“Desaparición de Chávez provoca el debate sobre suspensión de Paraguay”

El canciller nacional, José Fernández Estigarribia, declaró ayer antes de partir rumbo a Berlín, Alemania, que se requiere mucha serenidad y calma para analizar lo que está pasando en Venezuela con la muerte del presidente Hugo Chávez. Dijo que se necesita esperar qué desenlace tendrá el proceso político venezolano y la repercusión internacional que pueda generar en la región. Espera que nuestro país reingrese al Mercosur y la Unasur antes del 15 de agosto próximo.

El ministro de Relaciones Exteriores conversó con nuestro diario ayer a la mañana en el aeropuerto internacional “Silvio Pettirossi” minutos antes de partir con destino a Europa para iniciar una visita oficial a Alemania y luego a Gran Bretaña, donde cumplirá con sendas invitaciones de sus pares: los cancilleres Guido Westerwelle (alemán) y William Hague (británico).

Consultado sobre la repercusión que tiene en nuestro país la muerte de Chávez y la suspensión en Mercosur y Unasur, Fernández Estigarribia dijo que a partir de la desaparición del mandatario caribeño se genera un debate, pero que es necesario mantener la calma y analizar lo que está pasando en Venezuela.

Indicó que espera la reinserción de Paraguay en los bloques en la brevedad, si es posible antes del 15 de agosto, cuando el Gobierno de Federico Franco entregue el poder.

“Espero que se produzca antes (la reincorporación), pero sí hay una serie de problemas donde la opinión del nuevo gobierno va a ser importantísima”, sostuvo.

Respaldo político

El canciller calificó de muy importante su visita a Berlín y Londres. Destacó que la Comunidad Europea tiene una actitud muy importante con Paraguay, sobre todo “en un momento clave para las relaciones internacionales del país y por la situación que se vive en la región”. Informó que su visita a Alemania y Gran Bretaña es de gran transcendencia, no solamente económica sino política.

“Políticamente es un respaldo significativo a la democracia paraguaya. Esos países comparten nuestra situación actual, reina plenamente la democracia en el país, lo han dicho públicamente en diversas oportunidades”, enfatizó el canciller.

Señaló que Alemania desde un primer momento respaldó al Gobierno que asumió el 22 de junio tras el juicio político que destituyó a Fernando Lugo. Informó que en la capital alemana, además de reunirse con su par de Alemania, Guido Westerwelle, este miércoles 13, mantendrá un encuentro con el ministro germano de Cooperación Económica y Desarrollo, Dierk Miebel, quien visitó el Paraguay días después de asumir el actual Gobierno.

"El ministro alemán reafirmó la continuidad de la cooperación alemana y el reconocimiento al nuevo gobierno. Recuerdo su frase, yo soy un político y en política gobierna la mayoría", dijo.

Agregó que también será tema de su agenda el reciente respaldo de Alemania y Francia, a través de sus embajadores en Asunción, quienes dijeron que la Unión Europea no negociará un tratado de libre comercio con Mercosur sin la presencia de Paraguay.

Anunció que además de la reunión prevista con su par británico Hague, en la metrópolis londinense, dará conferencias en universidades británicas.

OEA

Por otra parte, el canciller informó que el próximo 22 de marzo asistirá a la reunión de cancilleres de la Organización de Estados Americanos (OEA), en Washington DC, convocada para analizar las facultades de la Comisión y la Corte Interamericana de Derechos Humanos. Aclaró que estará expectante esta semana con la fecha de entronización del nuevo Papa que sucederá a Benedicto XVI en el Vaticano, para acompañar al presidente Federico Franco en la misa de acción de gracias en honor al Santo Padre.

Embajada de Gran Bretaña

El canciller José F. Fernández Estigarribia informó que uno de los temas de la agenda que desarrollará con su homólogo de Gran Bretaña es la reapertura en breve de la Embajada de Londres en Paraguay, cerrada en el 2005 por razones de reorganización. Explicó que aún no existe comunicación oficial de la fecha de la reapertura, pero que es probable que se confirme en su visita al Foreign Office (Cancillería). Refirió que la legación británica ya tiene sede y personal diplomático trabajando en las cuestiones administrativas. El ministro anunció que esta semana el embajador de Gran Bretaña concurrente en Buenos Aires, John Freeman, será recibido por el presidente Federico Franco para ultimar detalles.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/desaparicion-de-chavez-provoca-el-debate-sobre-suspension-de-paraguay-547963.html>

Uruguay

LARED21

<http://www.lr21.com.uy>

Mundo

“Presidente encargado”: Tras funeral de Chávez, Maduro toma el relevo y pide elecciones inmediatamente, en menos de 30 días

Tras los solemnes funerales de Estado de Hugo Chávez, Nicolás Maduro juró como presidente encargado cumplir la Constitución “a nombre de la lealtad más absoluta” al líder fallecido y pidió la convocatoria inmediata de elecciones, poco después de que la oposición calificara de “espuria” su investidura.

Maduro, que será el candidato del chavismo en estas elecciones que deben ser convocadas por el Consejo Nacional Electoral (CNE), juró en una sesión extraordinaria de la Asamblea Nacional (Parlamento unicameral), boicoteada por la mayoría de la oposición, y en presencia de los presidentes de Ecuador, Rafael Correa, y de Guyana, Donald Rabindranauth Ramotar.

Henrique Capriles, el líder opositor que enfrentaría a Maduro en esas elecciones, calificó de “espuria” la investidura de Maduro porque “nadie lo ha elegido presidente” y cuestionó una sentencia dictada esta misma tarde por el Tribunal Supremo de Justicia, que declaró su constitucionalidad.

Emotivos funerales para el fin de una época

La polémica política estalló poco después del fin de los funerales de Chávez, en la Academia Militar, a los que asistieron el líder cubano, Raúl Castro y los controvertidos presidentes iraní y bieolorruso, Alexander Lukashenko, sentados al lado de Maduro y de su compañera sentimental, la Procuradora General de la República, Cilia Flores.

Frente al féretro cerrado y cubierto por la bandera venezolana estaba la madre de Chávez, Elena Frías, con el rostro desencajado por el dolor, y el resto de la familia del fallecido mandatario, incluidas sus tres hijas, que ocultaban sus lágrimas tras gafas oscuras.

Todos los jefes de Estado y de gobierno, empezando por los latinoamericanos, formaron por grupos solemnes guardias de honor alrededor del ataúd, coronado por un retrato de Chávez acariciando un Cristo en la cruz.

Junto a su hijo menor, Lukashenko posó sus manos sobre el féretro mientras el iraní lo besó. Ambos lloraron.

Al inicio de la ceremonia, tras interpretar el himno nacional bajo la batuta del célebre maestro venezolano Gustavo Dudamel, director de la filarmónica de Los Ángeles, Maduro se acercó a los pies del ataúd y asíó una réplica dorada de la espada de Simón Bolívar, para desenfundarla y colocarla sobre el féretro de Chávez.

El mandatario, que empujó América Latina hacia la izquierda, se consideró protagonista de una segunda independencia de Venezuela, liberadora del "imperialismo" y de la "burguesía".

"Alerta, alerta que camina la espada de Bolívar por América Latina", lanzaron los asistentes, un histórico lema que ya los chavistas cambiaron por "Alerta, alerta que camina el corazón de Chávez por América Latina". La espada fue luego entregada a su familia.

Durante la ceremonia, se celebró un oficio religioso y fue interpretado un repertorio de canciones típicas de los Llanos venezolanos, de donde era oriundo el mandatario, que solía cantarlas en sus intervenciones televisadas.

El cuerpo de Chávez no recibirá sepultura, sino que será exhibido durante al menos seis días más, ante la enorme afluencia de venezolanos a la capilla ardiente y será embalsamado para reposar en un museo caraqueño, instalado en el que fuera su cuartel general en el fallido golpe de Estado en 1992.

Todos los presidentes latinoamericanos, salvo el paraguayo Federico Franco, llegaron a Caracas para participar en los homenajes a Chávez, a quien se reconoce el papel desempeñado en la integración regional.

Sin embargo, la presidenta argentina Cristina Kirchner, que llegó pocas horas después de que su muerte fuera anunciada, y la brasileña Dilma Rousseff, que estuvo anoche en la capilla ardiente, partieron horas antes de los funerales.

Estados Unidos, considerado un adversario por Caracas, participó con una delegación de bajo rango. Ambos países retiraron a sus embajadores en una de las muchas controversias que marcaron los catorce años (1999-2013) del gobierno de Chávez.

"Nos encomendamos a Dios porque esperamos que pueda salvar los puentes entre Estados Unidos y Venezuela, que podamos avanzar por nuevos puentes", expresó en una intervención el reverendo y político estadounidense Jesse Jackson.

España estuvo representada por el heredero de la Corona, Felipe de Borbón, objeto de una silbatina cuando su nombre fue anunciado a los miles de venezolanos que se apiñaban en los alrededores de la Academia militar.

También estuvo presente el actor estadounidense Sean Penn, gran admirador de Chávez. La oposición en cambio no estuvo representada. Según Capriles, la respuesta del gobierno a su solicitud fue "mejor que no vengan".

Maduro asume presidencia interina impugnado por la oposición

La emotividad de la ceremonia se trasladó luego a la asunción de Maduro.

"Perdonen nuestro dolor y nuestras lágrimas, pero esta presidencia le pertenece a nuestro comandante", dijo Maduro entre lágrimas, que al jurar sostuvo un pequeño ejemplar de la Carta Magna en su mano derecha, mientras en frente, el presidente del Legislativo, el oficialista Diosdado Cabello, mostraba otro en su mano izquierda.

Maduro anunció además que la vicepresidencia interina será asumida por el ministro de Ciencia y Tecnología y yerno de Chávez, Jorge Arreaza.

Capriles afirmó que Maduro debería conducir al país hasta las próximas elecciones como vicepresidente encargado de la presidencia y no como presidente encargado (interino) y que si quiere ser candidato a las elecciones presidenciales debe renunciar.

Subrayó que el artículo 233 de la Constitución establece que si la falta absoluta del presidente se produce durante los primeros cuatro años del periodo constitucional, "se encargará de la Presidencia de la República el vicepresidente".

El tercer mandato de Chávez, que asumió por primera vez la presidencia en enero de 1999 y fue reelegido en octubre, se inició el 10 de enero pese a que no pudo tomar posesión, según una sentencia del Tribunal Supremo de Justicia (TSJ).

El presidente encargado defendió que el gobierno actuaba con apego a la Constitución y advirtió a la oposición que sería “un grave error” que boicoteara nuevamente las elecciones, como lo hizo durante las legislativas de 2006, y dijo tener informaciones en ese sentido.

El hemiciclo gritaba: “¡Mi voto está en Maduro, Chávez te lo juro!”, gritó el hemiciclo.

Para confirmar su compromiso, Maduro protagonizó al final de la noche -y junto al gabinete- una toma de posesión simbólica ante los restos de Chávez.

El río humano se reanudó a los lados del cuerpo Chávez

Decenas de miles de partidarios de Chávez, que lanzaron consignas y entonaron canciones revolucionarias al exterior de la Academia Militar, siguieron este viernes formando el interminable desfile por la capilla ardiente, interrumpido sólo para los funerales.

“¡Chávez vive, la lucha sigue!”, “¡Queremos ver a Chávez!”, coreaba la multitud, aglomerada a pocos metros de la entrada y que se distribuía a lo largo de varios kilómetros, en un inmenso río teñido de rojo, un simbólico efecto que daban las camisetas, gorras y boinas del emblemático color del chavismo.

Más de dos millones de personas, según el ejecutivo, se desplazaron desde todo el país para despedirse del líder.

Chavismo, con Maduro

Maduro, un ex conductor de autobús y ex sindicalista, que llegó a presidente de la Asamblea Nacional y ministro de Exteriores, antes de ser nombrado vicepresidente en 2012, tendría el monumental reto de llenar el vacío que deja un líder carismático y omnipresente, de este país de 29 millones de habitantes con las mayores reservas petroleras del mundo.

Chávez murió el martes a los 58 años tras 20 meses de batalla contra una “extraña enfermedad”, según Maduro, cuando pretendía profundizar aún más su modelo socialista que benefició a los más pobres -que eran 49.4% antes de que llegara al poder hace 14 años y hoy son 28% según la CEPAL-, aunque irritó a los grandes empresarios privados con la nacionalización de los sectores económicos claves y sus medidas intervencionistas.

“El próximo presidente tendrá enormes desafíos: lograr la respetabilidad sobre la población pobre, que cree ciegamente en Chávez; en un país dividido, porque Venezuela no es un país, son dos países; y tener el control de PDVSA -el gigante petrolero-. Ese personaje no lo vemos... acaba de

morir un caudillo tradicional”, dijo a la AFP el analista Agustín Blanco, catedrático de la Universidad Central de Venezuela.

Al ser juramentado, en un emotivo discurso de más de una hora, en el que se le quebró la voz, Maduro prometió seguir el legado y las órdenes de Chávez, ante cuyo féretro, en capilla ardiente en la Academia Militar, hizo poco después otra simbólica juramentación.

“Esta banda de mi comandante, esta presidencia... Perdonen estas lágrimas, pero esta banda es de Hugo Chávez”, expresó en su discurso.

Su segunda decisión como presidente interino, tras el pedido de convocatoria a elecciones, fue el nombramiento como vicepresidente del yerno de Chávez, Jorge Arreaza, hasta ahora ministro de Ciencia y Tecnología, un joven con una muy corta trayectoria política.

Maduro, quien desde que asumió hace tres meses las riendas del país en la agonía de Chávez ha ido adoptando cada vez más el tono “antiimperialista” del líder, dice cumplir de cabo a rabo todas las órdenes del presidente.

“Chávez seguirá siendo Chávez por siempre y para siempre, El nos dejó una tarea que Maduro siguiera su legado. El chavismo sigue, es una ideología ya. Ahora no vamos a seguir un ‘madurismo’, es el chavismo que continúa en Maduro”, dijo a la AFP Omaira Salazar, de 64 años, mientras hace fila en la Academia Militar.

Procesión chavista

Mientras tanto, en los alrededores de la Academia Militar, continúa este sábado el desfile de miles de seguidores que han esperado horas y hasta días por pasar unos instantes frente al féretro.

Ante el mar humano, el ataúd permanecerá en capilla ardiente durante la próxima semana, y luego se permanecerán embalsamados en el viejo fuerte donde lanzó su fallido golpe de Estado el 4 de febrero de 1992, considerado la chispa de su “revolución bolivariana”.

Casi todos los presidentes de América Latin, asistieron el viernes al funeral de Estado, desde sus más cercanos como Raúl Castro de Cuba y Rafael Correa de Ecuador, hasta los menos afines como el chileno Sebastián Piñera y el colombiano Juan Manuel Santos, a quien reservó elogios públicos.

En primera fila estuvieron también dos adversarios de Washington, el líder iraní Mahmoud Ahmadinejad y el bielorruso Alexander Lukashenko. AFP

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/mundo/1092057-presidente-encargado-tras-funeral-de-chavez-maduro-toma-el-relevo-y-pide-elecciones-inmediatamente>

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

EL PAÍS

Con la muerte de Chávez, en el Mercosur "nada va a cambiar"

En declaraciones al diario La República, el presidente José Mujica señaló que "el chavismo sin Chávez será parecido al justicialismo en Argentina" y vaticinó que, de igual modo que la fuerza política formada tras la muerte de Juan Domingo Perón en 1974, "va a durar mucho tiempo".

"Ahora vamos a asistir a un proceso chavista sin Chávez, a una corriente con características singulares, algo parecido al justicialismo de Argentina que se va a mantener por mucho tiempo. Y va a ser así porque tiene una gigantesca mística que se expresa de muchas formas. Y se pueden discutir los programas o las ideas, pero es muy difícil discutir la mística. No solo tienen razones y hechos concretos que defender como es el enorme progreso social logrado, sino que además hay un pueblo comprometido con esa lucha", aseguró Chávez.

Y añadió: "Es cierto que Venezuela tiene dificultades y que algunos la critican porque si bien logró aumentar el reparto social, productivamente no ha logrado una diversificación y porque tiene baja competitividad a pesar de tener una energía barata. Pero hay que tener en cuenta que la ventaja petrolera siempre existió en Venezuela pero no se resolvían los problemas sociales. Le piden magia a este gobierno pero antes el petróleo iba para cualquier lado menos para el pueblo", señaló.

Respecto a si con la muerte de Chávez, cambiará la relación de Venezuela con el Mercosur, al que se integró como socio pleno meses atrás, el mandatario sostuvo que "nada va a cambiar en este sentido porque Venezuela necesita al Mercosur y el Mercosur necesita de Venezuela".

"Hay que seguir trabajando y acercarnos todo lo que podamos a la región porque el mundo tiende a organizarse en bloques y nosotros no podemos ser la excepción. En ese mundo nuevo hay que ser fuertes y los más débiles para ser más fuertes no tienen otro camino que juntarse", señaló Mujica tras reconocer que el bloque regional tiene "problemas".

Argumentó que "Mercosur y Unasur son etapas, no solo para el comercio. La integración es una herramienta para proteger nuestra independencia y por eso tenemos que estar juntos", al tiempo que aseguró que "además de Bolivia hay dos o tres pedidos de nuevos ingresos".

De todos modos, Mujica reconoció también buscará otras alternativas y, en particular, se refirió a su viaje a España en mayo próximo. "En el mundo en que nos toca vivir debemos diversificar

nuestras relaciones económicas, sociales y políticas. Nunca seguir una sola opción", puntualizó Mujica.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/130311/ultimo-701738/ultimo-momento/con-la-muerte-de-chavez-en-el-mercosur-nada-va-a-cambiar-/>

Nacional

Gobierno reafirma visión crítica del Mercosur: está "aletargado"

Inestabilidad. Astori dijo que el bloque se encuentra "lleno de problemas"

La desaparición del presidente venezolano Hugo Chávez arroja incertidumbre sobre el futuro del Mercosur. El gobierno muestra preocupación y la oposición comparte la visión crítica sobre el bloque.

Apenas horas después del fallecimiento del presidente venezolano Hugo Chávez, la situación del Mercosur se muestra inestable por manifestaciones del gobierno uruguayo y una visión crítica simultánea de la oposición.

Ayer, el vicepresidente Danilo Astori ratificó la inquietud que ha ganado al gobierno del presidente José Mujica cuando afirmó que el bloque regional está "lleno de obstáculos y problemas" y consideró además que está "adormecido y en estado de letargo".

En declaraciones a radio Montecarlo, Astori señaló que "cuando Uruguay ingresó al bloque en 1991 fue una de las decisiones estratégicas más importantes de su historia contemporánea, pero hoy, 22 años después, nos encontramos con una cantidad enorme de problemas y con una especie de parálisis".

En el mismo sentido, el vicepresidente señaló que el bloque regional "se encuentra sin esa convicción colectiva fundamental que debe tener para salir adelante".

Desde hace dos años, las políticas restrictivas respecto a las importaciones que aplican Argentina y Brasil viene perjudicando las exportaciones de las industrias nacionales. Desde el gobierno se ha negociado directamente con ambos países para que flexibilicen sus posturas.

Por otra parte, el vicepresidente Astori destacó el ingreso de Venezuela al grupo regional por su carácter de potencia energética. "El ingreso de Venezuela es una ayuda para equilibrar la asimetrías naturales que existen en el bloque", finalizó Astori.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Esta visión que resume inquietud fue compartida por la oposición. El senador colorado José Amorín recordó a El País que "hace tiempo" su partido advirtió sobre la situación. "Astori fue el ministro del gobierno de (Tabaré) Vázquez que cuando nosotros alertábamos nos decían más y mejor Mercosur", dijo.

"Astori era el abanderado de esa posición. Cuando hubo oportunidad de abrirse al mundo, por ejemplo cuando Estados Unidos planteó el Tratado de Libre Comercio (TLC), si bien al principio estuvo a favor, rápidamente cambió y después justificó diciendo que por suerte no se había concretado", recordó el senador de Propuesta Batllista (Proba).

En tanto, el senador nacionalista Sergio Abreu, uno de los actores fundamentales de la fundación del Mercosur en 1991, cuando ocupaba el cargo de canciller, sostuvo que el bloque regional "está muerto" por la propia acción de los gobiernos de los países integrantes.

Abreu ha sido fuertemente crítico de las actitudes tomadas por el presidente José Mujica cuando sostuvo, ante la situación que se dio en Paraguay con la destitución del presidente Fernando Lugo, que lo político está por sobre lo jurídico.

Abreu afirmó que los presidentes relativizan el principio de no intervenir en los asuntos de otros Estados, "como hicieron con Paraguay". "Yo le llamo corporativismo presidencial, un club que dice que su legitimidad proviene de la elección popular, pero que el resto de los instrumentos que son parte de la sociedad democrática, como la separación de poderes, la libertad de prensa, la justicia, son todos 'elementos burgueses' con los que hay que vivir a desgano", sostuvo.

REPLANTEO. Días atrás, en su audición de M24, Mujica ratificó la preocupación del gobierno por la situación actual del bloque. En esa instancia, Mujica analizó la situación de nuestro país en el contexto del Mercosur, calificando a la sociedad de países en su formato actual "más que un mercado común, una mala unión aduanera", por lo cual entiende que debe haber un replanteo, una "discusión de destino y de rumbo" en esa materia.

Mujica remarcó no obstante el sentido americanista que lo anima "porque luchar por la integración es el paso racional más convincente", según enfatizó en la misma ocasión.

El mandatario aseguró que se aproxima un acuerdo "colosal" -el de libre comercio entre Estados Unidos y la Unión Europea- que vaticinó que traerá aparejadas "enormes dificultades" para penetrar mercados.

"Hay que estar alertas porque se encaminan acuerdos entre conjuntos de naciones que se van a disputar condiciones preferenciales frente a otras, lo que generará problemas para los que quedan afuera", añadió.

Dijo que los países están sintiendo "terror a quedarse solos" pero que eso es un estímulo también para nuestro país, ya que desde áreas como la Comunidad del Pacífico, y desde Corea del Sur, hay ofertas "muy interesantes para Uruguay".

Sin embargo poco de ello podrá evolucionar rápidamente en tanto continuemos con "el dilema del Mercosur", advirtió.

Mujica llamó entonces a "no engañarnos, porque en los últimos años el Mercosur ha quedado estancado con crecientes dificultades, incluso para el comercio entre sus socios: más que un mercado común, es apenas en los hechos, una mala unión aduanera".

Afirmó que falta "voluntad política en la región", e ironizó que "para bailar se necesitan dos", pero remarcó que hay ofertas serias para nuestro país -como un tratado de libre comercio con la Federación Rusa- pero para ello se interpone el Mercosur. "Tenemos dificultades de carácter paquidérmico para poder avanzar y en lugar de aumentar la fluidez de nuestro intercambio, aumentan los obstáculos y entonces hay una discusión inevitable dentro y así todo se complica", explicó.

DISTINTAS VISIONES, TODAS CRÍTICAS

José Mujica

PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA

Advirtió que en los últimos años "el Mercosur ha quedado estancado con crecientes dificultades, incluso para el comercio entre sus socios: más que un mercado común, es apenas en los hechos, una mala unión aduanera".

José Amorín

SENADOR COLORADO

"Cuando hubo oportunidad de abrirse al mundo, cuando Estados Unidos planteó el TLC, Astori era el ministro de Economía y fue quien afirmó que había que tener más y mejor Mercosur", recordó el legislador de Proba.

Danilo Astori

VICEPRESIDENTE

Para el jerarca, el Mercosur "se encuentra sin esa convicción colectiva fundamental que debe tener para salir adelante". Sostuvo que está "adormecido y en estado de letargo", y que además muestra "obstáculos y problemas".

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Sergio Abreu

SENADOR Y EXCANCILLER

Pidió estar alerta ante el "corporativismo presidencial", que considera como "elementos burgueses" una serie de instrumentos del sistema democrático. Además, considera que el Mercosur "está muerto".

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/130311/pnacio-701663/nacional/gobierno-reafirma-vision-critica-del-mercosur-esta-aletargado-/>